

NOMEAÇÃO, IDENTIDADE E O ARGUMENTO DA LINGUAGEM PRIVADA DE WITTGENSTEIN

Jefferson Rafael Lima Ramalho¹; Fernando Raul de Assis Neto²

¹Estudante do Curso de filosofia - CFCH – UFPE; E-mail: jefferson.ramalho@outlook.com

²Docente/pesquisador do Depto de filosofia – CFCH – UFPE. E-mail: feraneto@uol.com.br

Sumário: Propomos examinar a estrutura argumentativa de uma interpretação do Argumento da Linguagem Privada nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, que parte de seu interesse acerca da forma lógica de uma proposição. Nessa leitura, aquilo que foi o eixo de compreensão de sua primeira obra, o “*Tractatus logico-philosophicus*”, reapareceria como fio condutor na leitura do argumento da linguagem privada. Cumpre examinar as críticas wittgensteinianas à teoria de nomeação de Santo Agostinho, bem como à teoria de nomeação do *Tractatus*. Nessa perspectiva, o argumento da linguagem privada ganha centralidade na estrutura argumentativa geral das “*Investigações Filosóficas*” a favor do aspecto público da linguagem. De forma mais específica a pesquisa trata do exame da “questão da identidade”, nos moldes iniciais de Frege, nos “experimentos argumentativos” trazidos por Wittgenstein nos aforismos que compõem seu ALP. De um modo esquemático trata-se do exame da identidade $a = b$ onde a e b são nomes de estados mentais. A pesquisa envolve o exame: da semântica de Frege para os nomes próprios e a sua abordagem da questão da identidade; da nomeação na estrutura do *Tractatus logico-philosophicus*; das críticas wittgensteinianas às teorias de significado de Santo Agostinho e do *Tractatus logico-philosophicus*; e dos “experimentos argumentativos” no ALP.

Palavras-chave: Frege; identidade; linguagem; nomeação; Wittgenstein;

INTRODUÇÃO

Este subprojeto envolve a execução de tarefas bibliográficas e de leitura necessárias à continuidade e ampliação de nossos projetos A Filosofia (da Matemática) de Frege no contexto de seu projeto logicista (Número 23076.005709/2001.11, aprovado na Propesq em 10/10/2001) e Existência em Frege e os objetos matemáticos: um estudo sobre o contexto matemático (Processo 23076.014682/2008-15 de 06/08/2008), esse último iniciado em nosso Programa de Pós Doutorado realizado no período de Outubro de 2007 a Setembro de 2008 nas Universidades de Göttingen e Bielefeld na Alemanha. Os dois projetos estão interligados e fazem parte dos estudos / pesquisas acerca da obra do filósofo alemão Gottlob Frege (1848-1925) que incluem a sua Filosofia da Matemática, sua Filosofia da Linguagem e as repercussões contemporâneas.

O projeto logicista de Frege consiste na redução da aritmética à lógica – a tese de que as leis da aritmética são dedutíveis de leis lógicas e que os conceitos aritméticos são derivados de conceitos lógicos. Essa tese o levou a admitir em 1892, no prefácio de sua opus maior, *Grundgesetze der Arithmetik* (Leis Básicas da Aritmética), que a natureza dessa sua tese o levaria inevitavelmente ao exame de questões filosóficas de modo geral estranhas ao fazer cotidiano dos *working mathematicians*. Tanto é que ele previa que a recepção de suas ideias filosófico-matemáticas não seria fácil uma vez que, por um lado, os matemáticos iriam pensar: *metaphysica sunt, non leguntur!*, e, pelo outro, igualmente os filósofos pensariam: *mathematica sunt, non leguntur!* É assim que, apesar do insucesso do seu projeto (sabe-se hoje que a aritmética nos moldes colocados por Frege não é redutível à

lógica), Frege é reconhecido hoje primordialmente pela criação da lógica matemática contemporânea e da filosofia da linguagem. De modo simples a incursão de Frege pela linguagem deve-se ao fato de que o número, em geral ou em particular, não sendo um conceito nem empírico nem psicológico - como provado nas três primeiras partes do “Grundlagen der Mathematik” (1884) (Os Fundamentos da Aritmética) - seria então, como estipula Frege, um objeto de natureza lógica cujo acesso epistêmico se daria pela linguagem. “Nunca pergunte pelo que seja um número fora do contexto de uma proposição na qual ele surge como nome” é uma versão parafraseada de seu famoso “Princípio do Contexto”. Daí, de modo explícito e sistemático, Frege expõe a sua semântica em 1892 em seu artigo “Sobre o Sentido e Referência” no qual ele introduz a diferenciação entre Sentido (Sinn) e Referência (Bedeutung), inicialmente para nomes próprios e, em seguida, para proposições declarativas. Essa diferenciação traria, além da necessidade técnica, elegância, clareza e facilidade aos cálculos lógicos necessários para a demonstração de que a aritmética pode ser reduzida à lógica. A fortuna crítica desse texto de Frege seminal para a filosofia da linguagem contemporânea é imensa, e.g., Russell, Wittgenstein, Searle, Austin, Donnellan, Kripke, etc. O ponto da filosofia da linguagem de Frege que agora nos interessa é a sua semântica para os nomes próprios, particularmente o seu exame da identidade $a = b$ na qual a e b são nomes de objetos singulares. Mais especificamente nos interessa nessa pesquisa o conceito de sentido de um nome próprio de Frege e a sua recepção por parte de Wittgenstein no “Tractatus logico-philosophicus” e nas “Investigações Filosóficas”, particularmente em seu argumento da linguagem privada.

O “argumento da linguagem privada” (ALP) é o argumento desenvolvido por Wittgenstein ao longo dos parágrafos 243 e 315 das “Investigações Filosóficas” que mostra a impossibilidade de uma linguagem privada nos moldes por ele definido no §243. O ALP constitui-se em uma série de aforismos concernentes ao conceito de mente, juntamente com suas relações e manifestações comportamentais (internas/externas), e também ao conhecimento de outras mentes, com as exteriorizações de experiências e descrições destas últimas. O ALP tem uma ressonância enorme na filosofia contemporânea, pois ataca uma das teses mais tradicionais (e uma das mais intuitivas) da filosofia: a ideia de que temos um acesso privilegiado aos nossos estados mentais. A tese maior do ALP é acompanhada/composta de outras que abalariam também teses bem difundidas acerca dos fundamentos da nossa linguagem e, em geral, do conhecimento de nossas sensações e estados mentais. Ou seja, esse conhecimento não jaz na experiência privada e a ideia de um acesso privilegiado ou imagética da modernidade teria de ser revista, uma vez que o veículo pelo qual acessamos os nossos estados mentais é público.

MATERIAIS E MÉTODOS

Como pesquisa filosófica, a metodologia consistiu em leituras sobre o tema, seguidas de anotações e levantamento bibliográfico. Entre as obras lidas estão Sentido e Referência de Frege e os textos que trazem as leituras críticas da teoria de nomeação nela apresentada expondo teorias alternativas como as de Russell, Strawson, Donnellan, Searle, Kripke, etc. De Wittgenstein, o texto básico das *Investigações Filosóficas* e a literatura secundária pertinente. As diversas bibliotecas da UFPE, juntamente com a biblioteca do Grupo de Pesquisa em Lógica e Filosofia da Linguagem no Departamento de Filosofia, tem um acervo a disposição estudante que permitiu contemplar seu tema de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tivemos como resultados textos interpretativos e esquemáticos acerca da definição conceitual de linguagem privada e da tese argumentativa de sua impossibilidade junto aos textos elucidativos sobre a semântica dos nomes próprios do Frege. Produção de textos que

relacionam a questão da identidade com a tese de Wittgenstein. Gastamos muito tempo em atividades propedêuticas, e.g., o entendimento vagaroso de alguns artigos por conta da dificuldade de leitura de um texto em língua inglesa. O estudante, com ajuda, trouxe um esboço da taxionomia acerca da “Memória e ostensão privada. Trouxemos boas discussões acerca desses tópicos bem como mostramos um bom diálogo com a literatura secundária. Como dificuldades, apontamos duas: dificuldades internas relativas aos textos e a natureza do projeto, e, como dificuldade segunda, a aquisição de livros. Como dificuldades relativas ao texto, enfatizamos a obscuridade de algumas passagens analisadas por nós, uma vez que Wittgenstein trabalha com exemplos pouco comuns, às vezes ele se mostra muito claro, em outros momentos suas metáforas extrapolam a possibilidade de uma compreensão imediata da leitura. Mas o que realmente dificultou foi o fato de muitos livros não estarem ainda traduzidos para a língua portuguesa e por isso estudante teve dificuldade com a língua inglesa.

CONCLUSÕES

Enquanto o Wittgenstein das *Investigações Filosóficas* critica a concepção agostiniana, e do primeiro Wittgenstein, que vincula o significado da linguagem aos objetos representados, mostrando que não é tão simples, pois jogos de linguagem intermediam essa relação e conseqüentemente a significação da palavra ou conceito é a forma como a expressão linguística é usada, Frege em seu artigo *Sobre o sentido e a referência* define o sentido das expressões linguísticas dividindo-as em modo de apresentação dos objetos (sentido dos termos singulares que tem como referência objetos), modo de apresentação das funções (sentido das expressões funcionais que tem como referência funções) e “pensamentos” (sentido das frases indicativas que tem como referência o Falso e o Verdadeiro). As frases indicativas são os enunciados de identidade. Para Frege, os pensamentos, diferentemente do ato de pensar, são entidades abstratas objetivas, que tem como referência os objetos abstratos: Verdadeiro e Falso; logo são públicos; o que nos reporta ao caráter necessariamente público da linguagem do segundo Wittgenstein. O que intermedia entre a expressão linguística e a realidade (ou referência), para Wittgenstein, é um jogo de linguagem com suas regras, para Frege, é o sentido atribuído pelo usuário à expressão; e esse sentido não é único, assim como os jogos de linguagem são diversos, cada um com suas regras.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq, que financiou a bolsa de iniciação científica, assim como à Propesq e ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco; aos amigos e colaboradores indiretos.

REFERÊNCIAS

- CARL, Wolfgang: *Frege's Theory of Sense and Reference. Its Origin and Scope*. Cambridge University Press, 1994. Reimpressão 1995.
- DUMMETT, Michael: *The Interpretation of Frege's Philosophy*, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981.
- FOGELIN, R. J. *Wittgenstein*. London. Routledge. 2002.
- FREGE, Gottlob: *Lógica e Filosofia da Linguagem, com uma introdução de Paulo Alcoforado*. Edusp, São Paulo, 2009.
- FREGE, Gottlob: *Posthumous Writings.*, trans. Long and White, ed. Hermes, Kambartel, and Kaulbach (Oxford: Basil Blackwell, 1979).
- FREGE, Johann Gottlob *Investigações Lógicas*. Tradução de Paulo Alcoforado. Porto Alegre – RS: EDIPUCRS. 2002.

- FREGE, Johann Gottlob. Os Fundamentos da Aritmética. Tradução de Luiz Henrique dos Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- FREGE, G. Sobre sentido e a referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978.
- KACKER, P. M. S. Insight and Illusion: Themes in the Philosophy of Wittgenstein. Oxford. Claredon Press. 1986.
- MACHADO, Alexandre N. O enigma de Frege. Site. Disponível na internet. <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2011/03/o-enigma-de-frege.html> Acesso em: 31 de julho. 2015.
- MONK, R. Wittgenstein: O Dever do Gênio. SP. Companhia das Letras. 1995.
- NETO, Fernando Raul: O ‚Begriffsschrift‘ de Frege. Revista de Filosofia, N, dezembro 2000.
- BRITTO, Rafael. O público e o privado em Wittgenstein. Da definição ostensiva aos jogos de linguagem. Banco de Dados. Disponível na internet. http://www.uece.br/polymatheia/dmdocuments/polymatheia/v1n1_publico_privado_wittgenstein.pdf Acesso em: 31 de julho. 2015.
- WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- WITTGENSTEIN, L. Philosophical investigations. Oxford. Blackwell. 1986.
- WITTGENSTEIN, L. Tractatus logico-philosophicus. São Paulo: Edusp, 2008.